

INTRODUÇÃO

EÇA E MACHADO

1. A GÊNESE E CONTEXTUALIZAÇÃO DO SIMPÓSIO “DIÁLOGOS TRANSATLÂNTICOS”

“Diálogos transatlânticos: Realismo e modernidade em Eça de Queirós e Machado de Assis”, um simpósio internacional realizado na Universidade de Indiana em outubro de 2015, teve como um dos seus objetivos principais criar uma discussão intelectual que atravessasse fronteiras disciplinares e neste contexto mais amplo repensasse a obra de dois dos maiores e mais produtivos nomes da literatura lusófona oitocentista, José Maria de Eça de Queirós (1845-1900) e Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908). Eça e Machado não estão apenas entre os mais celebrados romancistas de língua portuguesa; eles são também figuras instrumentais em debates que extrapolam os círculos literários e os limites geográficos de suas respectivas nações. Além de promover a colaboração entre professores e alunos de graduação e pós-graduação, o simpósio serviu para revisitar as publicações de Eça e Machado, assim como os trabalhos críticos a respeito dos autores e os contextos histórico-sociais em que viveram. O simpósio lançou a seus participantes e estudiosos da obra dos dois autores o desafio de examinar a obra de Machado e de Eça de um ponto de vista multidisciplinar, e em diálogo com os mais atuais debates críticos, teóricos e metodológicos. Tomando como ponto de partida as leituras canônicas da obra dos escritores, mas também indo além das linhas interpretativas já canonizadas, os ensaios neste volume, os quais são elaborações revisadas das comunicações apre-

sentadas no simpósio, propõem novas abordagens metodológicas e linhas de leitura inéditas.

A ficção e a crítica de Eça e Machado estabelecem um estreito diálogo com a política, a economia e as relações internacionais de sua época, e põem em questão os conceitos de raça, gênero, classe social e identidade nacional. A sua obra também evidencia o desenvolvimento de importantes discursos científicos, tradições intelectuais e práticas culturais prevaletentes em Portugal e no Brasil do século XIX. Os ensaios aqui publicados tentam mostrar como é que a obra de Machado e Eça explora estes temas e discursos e quais são algumas das implicações dos diálogos criados pelos autores, especialmente, como é que estes são consequenciais para debates contemporâneos e ainda relevantes hoje em dia. As questões estéticas e epistemológicas que a obra destes dois autores levanta vêm-se mostrando mais e mais relevantes para a compreensão do nosso momento atual. Por isso, uma reavaliação comparativa da produção textual de Eça e Machado, assim como de sua recepção (tanto na época em que viveram como nos anos posteriores a sua morte), conduz a reflexões relevantes ao campo das relações culturais transatlânticas e das produções pós-coloniais, assim como ao atual questionamento e revisão dos cânones literários nacionais.

Alguns dos inovadores estudos publicados neste volume focalizam romances e contos menos estudados de Eça e Machado como também a sua obra inicial e tardia, a sua correspondência, ensaio, crônica, e outros escritos jornalísticos. Outros criam novos diálogos e pontos de disputa na relação entre os dois autores questionando desta maneira as leituras muitas vezes simplificadas do debate bastante conhecido sobre o romance de Eça, *O primo Basílio*. Outros dos ensaios examinam questões relacionadas às desigualdades racial e de gênero, às identidades nacional e cultural, à escravidão, às trocas culturais transatlânticas, assim como às políticas coloniais e pós-

-coloniais. Certos ensaios criam diálogos com o campo das artes performativas e da cultura visual. Ainda outros estudos examinam a literatura de Eça e Machado sob o ponto de vista da disseminação de sua obra numa época marcada pela digitalização. Também se dispensa atenção ao conceito de globalização, e seu papel na promoção da pesquisa e dos debates interdisciplinares sobre a obra dos dois autores, debates estes atualmente mais acessíveis tanto a pesquisadores como ao público leitor em geral.

Este simpósio internacional foi realizado no *campus* da Universidade de Indiana em Bloomington, Indiana, nos Estados Unidos, nos dias 23 e 24 de outubro de 2015. Durante os últimos sessenta anos, a IU vem investindo fortemente nos estudos internacionais e regionais. É um privilégio que nosso simpósio esteja entre os primeiros eventos patrocinados pela recém-inaugurada Escola de Estudos Globais e Internacionais (School of Global and International Studies), cujo estabelecimento ratifica o compromisso da Universidade de Indiana com a expansão da pesquisa acadêmica para além das fronteiras nacionais, linguísticas e disciplinares.

A Universidade de Indiana tem uma longa história de compromisso com os Estudos Lusófonos, cuja origem na IU remonta à década de 1940, quando esta universidade começou a oferecer cursos de língua portuguesa. Nos anos sessenta, inauguraram-se os cursos de bacharelado, mestrado e doutorado em literatura e cultura lusófona na IU. Deste então, o Programa de Português da IU se expandiu e prosperou. Marcado desde sua criação por um foco transatlântico, este programa foi o primeiro a ministrar nos Estados Unidos, na década de setenta, uma disciplina de literatura luso-africana. Ao longo dos anos, proeminentes estudiosos das letras lusófonas enriqueceram o Programa de Português da IU, passando temporadas no *campus* de Bloomington como professores e pesquisadores visi-

tantes. Entre eles, podem-se listar o poeta e filósofo português M.S. Lourenço, o professor e estudioso da literatura portuguesa Carlos Reis, o poeta e professor Vitor Manuel de Aguiar e Silva, e os escritores brasileiros Décio Pignatari e Silviano Santiago, entre outros.

Durante os últimos cinquenta anos, importantes nomes da literatura e da cultura lusófona também estiveram presentes no *campus* da IU, incluindo os escritores brasileiros João Ubaldo Ribeiro e Lygia Fagundes Telles, o escritor e então Ministro da Cultura de Moçambique Luis Bernardo Honwana, o escritor angolano Ondjaki, e os cineastas Pedro Costa, Nelson Pereira dos Santos e Walter Salles. Os trabalhos pioneiros de Heitor Martins e Darlene Sadlier, ambos professores eméritos da Universidade de Indiana, no campo da literatura e da cultura lusófona foram notoriamente celebrados por ocasião do simpósio “Diálogos transatlânticos”. Ao organizar este evento na IU, almejávamos não somente celebrar e dar continuidade ao trabalho pioneiro destes dois professores eméritos, mas também estreitar os vínculos entre estudiosos da literatura brasileira e portuguesa presentes em Bloomington como palestrantes, além de reforçar os laços transatlânticos entre suas instituições de origem. O objetivo do nosso simpósio foi revisitar as linhas de pesquisa canônicas, reconhecer as tendências de investigação mais recentes, assim como explorar a dimensão global e hemisférica da literatura portuguesa e brasileira. Este evento não teria sido possível sem o apoio logístico, financeiro e institucional da Universidade de Indiana e de seus vários departamentos e unidades: a Faculdade de Artes e Ciências (School of Arts and Sciences), a Escola de Estudos Globais e Internacionais (School of Global and International Studies), o Departamento de Espanhol e Português (Department of Spanish and Portuguese), o Gabinete do Vice-Presidente para Assuntos Internacionais (Office of the Vice-President for International Affairs), e o Gabinete do Vice-Presidente para Investigação Científica (Office of the Vice-President for

Research). Somos profundamente gratos pelo apoio e patrocínio ao nosso evento.

O simpósio “Diálogos transatlânticos” reuniu dezoito especialistas em literatura luso-brasileira, cujas palestras e participação nas discussões enriqueceram a vida cultural do campus da IU. O evento incluiu dezesseis comunicações, agrupadas em cinco mesas, assim como duas sessões plenárias: “Eça de Queirós e a Personagem Como Ficção”, ministrada pelo Professor Doutor Carlos Reis, da Universidade de Coimbra, em Portugal; e “The Dusk of Writing: Machado’s Last Pages and the Unfulfilled Promise of Brazil” (O Crepúsculo da Escrita: As Últimas Páginas de Machado e a Promessa Não Cumprida do Brasil), ministrada pelo Professor Doutor Pedro Meira Monteiro, da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos. Os autores das comunicações representaram quatorze renomadas instituições de ensino superior diferentes, localizadas em Portugal, no Brasil e nos Estados Unidos. Durante o simpósio, os palestrantes também participaram de uma visita guiada à Lilly Library, a biblioteca de obras raras, manuscritos e coleções especiais da Universidade de Indiana. A Biblioteca Lilly é internacionalmente reconhecida por suas coleções luso-brasileiras, como, por exemplo, a coleção de Charles R. Boxer, historiador britânico do império marítimo e colonial português e holandês, a coleção de Bernardo Mendel, empresário e colecionador dileta de obras e documentos relacionados à conquista do Novo Mundo, assim como a coleção de Orson Welles, que contém materiais raros relacionados à visita do cineasta norte-americano ao Brasil na década de 40. Durante a visita à Lilly, os palestrantes tiveram também a oportunidade de examinar obras canônicas raras que atestam a natureza transnacional da história do mundo lusófono, incluindo um boletim de notícias alemão do século XVI, que contém a primeira referência impressa à viagem dos portugueses ao Brasil; uma carta de D. João VI, rei de Portugal, datada do início do século

XIX, ao governador da Capitania de Minas Gerais, declarando guerra contra os índios botocudos; assim como primeiras edições de vários sermões do jesuíta Padre António Vieira. Durante o simpósio, os palestrantes também apreciaram uma pequena exposição das obras críticas de autoria dos participantes do simpósio, organizada pelo Professor Luis González, bibliotecário responsável pelo setor luso-brasileiro da Biblioteca Wells da Universidade de Indiana. Os palestrantes também desfrutaram de um recital dos alunos da Jacobs School of Music, a escola de música da IU, que apresentaram três canções datadas do final do século XIX, incluindo a canção “Coração triste”, do compositor e maestro brasileiro Alberto Nepomuceno, baseada no poema “Coração triste falando ao sol”, de Machado de Assis.

Nossa principal meta ao organizar este simpósio foi estabelecer um espaço de reflexão sobre as conexões literárias entre Eça de Queirós e Machado de Assis, assim como entre os dois escritores homenageados e seus contemporâneos, conexões estas que ultrapassam as fronteiras geográficas e temporais de suas publicações. Cremos que durante o processo de ressaltar e analisar essas conexões, fomos também capazes de gerar novas ideias, bem como propor novas relações transculturais e transnacionais. Em outras palavras, acreditamos ter conseguido criar uma espécie de “momento cultural”, uma “comunidade efêmera” capaz de refletir sobre os diálogos transatlânticos, uma das marcas fundamentais e indelévels da literatura e da cultura luso-brasileira.

2. O *DIÁLOGO* E ORGANIZAÇÃO DOS ENSAIOS

A coleção de ensaios que este volume reúne constitui um fértil diálogo transatlântico entre a obra de Eça de Queirós e a de Machado de Assis a partir de uma variedade de abordagens teóricas, temáticas, históricas, e sociopolíticas. Vários dos ensaístas estabelecem um diá-

logo interno, analisando lado a lado aspetos da escrita dos dois autores. É o caso dos estudos de Kenneth David Jackson, Dain Borges, Hélio Guimarães, Marta de Senna e Paul Dixon. Outros dão prioridade a um dos dois autores, articulando e frequentemente sugerindo uma correspondência transatlântica, explícita ou implicitamente. Este grupo inclui trabalhos que focalizam o trabalho de Eça de Queirós, tal como acontece nos ensaios de Carlos Reis, Maria do Rosário Cunha, Ana Teresa Peixinho, Estela Vieira, Ana Luísa Vilela e Kathryn Bishop-Sanchez; ou a obra de Machado de Assis, tal como ocorre nas leituras de Pedro Meira Monteiro, Luciana Namorato, Marília Librandi-Rocha e Eliane Robert Moraes. A novidade desta coletânea de textos reside no facto de todos estes artigos proporem novas pistas de investigação que tendem para uma análise que vai além de estudos pontuais ao articular este olhar transatlântico oitocentista através da variedade de ferramentas de estudo teórico de que dispomos no século XXI.

Os primeiros dois ensaios deste volume correspondem às conferências dos dois eminentes *keynotes* do congresso, especialistas de renome na literatura do século oitocentista. No primeiro ensaio, “Eça de Queirós e a personagem como ficção”, Carlos Reis analisa a subtileza com que Eça inclui personagens de outros escritores nas suas narrativas e nos discursos das suas próprias personagens, um processo que o crítico denomina por “refiguração literária”. Carlos Reis, com a agilidade e a lucidez que lhe são características, debruça-se sobre esta apropriação de personagens literárias, mitológicas e bíblicas e sobre a sua sobrevida literária, através de um elenco de exemplos pertinentes que ilustram a forma como Eça se serve de personagens de outras ficções para a compreensão diegética de situações narrativas específicas. Segundo Carlos Reis, estas personagens, que, em várias circunstâncias, podem ser dinâmicas e progressivas, anunciam o modernismo a vir. Esta análise incide também na formulação

da personagem como ficção em relação ao ambiente cultural da época e na significativa presença de personagens-escritores que da mesma forma que o autor trabalham as suas personagens, e demonstra como estas personagens têm uma lógica não apenas intraficcional mas também extensional. Carlos Reis conclui que a longa trajetória destas personagens no imaginário ocidental as transforma em personagens institucionalizadas; assim Eça de Queirós reafirma o lugar preferencial da personagem como “instância suprema da produção de sentido narrativo”.

O segundo ensaio, “The Dusk of Writing: Machado de Assis’s Last Pages and the Unfulfilled Promise of Brazil”, por Pedro Meira Monteiro, aborda a questão das últimas narrativas de Machado de Assis, privilegiando o *Memorial de Aires* (1908), em relação a um dos momentos mais decisivos da história do Brasil: a passagem do Império para a República e a abolição da escravatura. É esta circunstância que o crítico analisa, ao explorar o conceito de um futuro desde a perspectiva de Machado, uma visão diegética que se debruça sobre o fim do Império sem abertura para o futuro. Na descrição deste momento da obra de Machado, as personagens viram-se para o passado, sem esperanças de um futuro, em narrativas cuja lentidão e indefinição produzem um horizonte impreciso. O ensaio coloca a questão de que, da perspectiva do autor ao escrever no fim da primeira década do século seguinte, quase vinte anos depois da proclamação da República, este futuro já não parece apresentar promessas de alterações possíveis. Tecendo habilmente a sua leitura através da rica e fértil bibliografia crítica machadiana que toca neste ponto, e apoiando a sua análise numa teoria pós-colonial, historiográfica, e à luz de moralistas franceses (La Rochefoucauld, La Bruyère e Pascal), Pedro Meira Monteiro discute esta representação da história do Brasil, examinando como a obra de Machado problematiza o conceito civilizador da modernidade, e as normas de uma sociedade

patriarcal, cega à consciência de classe e de género cujas raízes são a realidade da escravatura. Ao analisar a obra tardia de Machado, Pedro Meira Monteiro examina também a forma como o autor se distancia da estética naturalista, ao deixar os leitores numa profunda incerteza referente a questões atinentes aos caracteres das personagens e convida ao leitor a formular por si próprio um julgamento não explicitamente articulado. Meira Monteiro chega à conclusão de que o futuro machadiano não é o resultado de um fado ou das falhas de uma civilização tropical, mas de uma evolução histórica que no Brasil, por causa de revoluções repetidamente falhadas, deixa ainda um melhor futuro por cumprir. É esta incapacidade de ir para frente, com o tempo e a sociedade estagnados no passado, que Machado ilustra pela sua obra aquilo que Meira Monteiro denomina como um “futuro abolido”.

O primeiro grupo de cinco ensaios examina aspetos da obra de Eça de Queirós e de Machado de Assis em paralelo, debruçando-se em particular sobre temas como a política, a religião e a crítica que ao longo dos anos têm sustentado a dinâmica e a dimensão do diálogo transatlântico Eça/Machado. O primeiro ensaio, “The Diaphanous Veil of Satire: Eça’s Message to Machado in *The City and The Mountains*”, por Kenneth David Jackson, analisa o diálogo – às vezes subtil e implícito, às vezes explícito – entre os dois autores, através de uma cuidadosa leitura do romance queirosiano. Nele Jackson sugere que as bem conhecidas acusações que Machado formulou contra *O primo Basílio* de Eça em particular, e o seu distanciamento relativamente ao realismo em geral, influenciaram a escrita do romance queirosiano em que o autor satiriza a filosofia do Humanitismo e a utilidade dos vermes, juntamente com outras características dos grandes romances de Machado. O ensaio seguinte, “Mockery and Piety in Machado de Assis and Eça de Queirós”, por Dain Borges, continua nesta vertente

da filosofia e da religião expostas na obra dos dois autores. Borges examina a religiosidade machadiana à luz do Humanitismo e lembra a ligação paródica com a religião da humanidade estabelecida por Augusto Comte. Na obra de Machado, ressalta-se a representação de temas religiosos refletidos em pormenores das cenas diegéticas e das conversas quotidianas. Em comparação, Borges vê na obra de Eça de Queirós uma preferência para desenlaces dramáticos, em grande escala, nos momentos mais tensos da narrativa. Em ambas as obras, como o ensaísta indica, pode discernir-se a secularização das consciências católicas nos dois países. O ensaio seguinte, “O paradigma português nas definições de Machado de Assis sobre a arte”, por Hélio de Seixas Guimarães, debruça-se sobre a importância de três artigos críticos publicados antes da década de oitenta quando o escritor desloca as suas apreciações sobre arte e literatura para os seus textos criativos. O mérito deste ensaio é propor uma nova leitura do conjunto da obra de Machado de Assis, antes e depois dos ensaios canónicos da década de setenta com o propósito de indicar linhas de continuidade entre as concepções de arte expressas ao longo da sua carreira. Guimarães situa a crítica de Machado em relação a modelos da tradição literária em língua portuguesa e das discussões contemporâneas em Portugal, e demonstra quanto Machado de Assis tinha os escritores portugueses, incluindo Eça de Queirós, como referência, sendo o autor na sua época um escritor verdadeiramente luso-brasileiro. Este estudo confronta a posição de Machado com a variedade de géneros literários, a fim de determinar os denominadores comuns da sua posição de crítico ao longo da sua carreira. Em relação a Eça de Queirós, Hélio de Seixas Guimarães conclui que as críticas que Machado lhe fez são reafirmações de um modo muito mais amplo de encarar a arte e a literatura, indo além de episódios isolados ou críticas pessoais. Em diálogo com estes temas, o ensaio de Marta de Senna, “‘But Then, What Would Criticism Be?’ Balzac

Reads Stendhal, Machado Reads Eça”, estabelece um paralelo entre as múltiplas referências de Eça a Balzac, por um lado, e a afinidade de Machado com Stendhal, por outro, e demonstra de que forma as críticas machadianas à obra de Eça se baseiam nesta afinidade literária. Marta de Senna explicita as razões principais pelas quais Machado critica Eça, e examina a relação de Machado com a escola do realismo, focando o romance *Iaiá Garcia*. A conclusão do ensaio leva-nos a repensar a crítica literária de ambos os escritores incluída no âmbito dos seus respectivos romances; segundo Senna, *Dom Casmurro* representa a crítica mais fina e subtil feita a *O primo Basílio*. A seguir, Paul Dixon, num artigo intitulado “Adam and Eve According to Eça and Machado”, aborda a desfamiliarização (conceito desenvolvido por Viktor Shklovsky) com que ambos os escritores reescrevem este relato, ao parodiar elementos de base do conto bíblico. No caso de Eça, trata-se de uma novela de vinte e quatro páginas na qual o escritor, imbuído da estética naturalista, transforma elementos originais, dando lugar à criação espontânea quando Adão, tal como um macaco, desce da árvore para viver num meio selvagem onde a sobrevivência, *à la Darwin*, é própria dos mais fortes, num modelo evolucionista, previsível e linear. No caso de Machado, um conto de poucas páginas problematiza a questão da queda original, a culpabilidade do pecado original e a origem da espécie humana, relato contextualizado pela criação do mundo pelo diabo. Dixon discute a estratégia machadiana de negar esta história icónica e recorrer a um narrador que não é fidedigno. Ambas as narrativas provocam o leitor pela paródia e pelo desafio das reescritas, ao transtornarem as ideias comumente aceites.

O segundo grupo de ensaios focaliza a obra de um dos dois autores, criando pontes teóricas entre eles. O primeiro ensaio nesta secção “‘Neckties of a Certain Color’—Political Engagement in Machado de Assis’s *Esau e Jacó*”, por Luciana Namorato, oferece uma revisão da

política de Machado de Assis e a sua participação na esfera pública. Namorato revê as afirmações dos críticos mais proeminentes, tais como Silvío Romero, Alfredo Pujol, e mais tarde Raimundo Magalhães Júnior e Alfredo Bosi, e analisa a interseção entre a estética e a política que estes (e outros) críticos têm comentado ao longo dos anos. Apoiando-se principalmente no romance *Esau e Jacó*, a ensaísta usa esta analogia das “gravatas de cor particular”, ideia articulada pelo narrador do romance, como referência aos protagonistas que adotam opiniões alheias quando calha. Assim, a forma como Machado de Assis concebe as opiniões políticas não equivale à sua própria falta de participação política, mas antes representa, de forma implícita e indireta, uma consciência crítica de autor engajado. Uma leitura meticulosa da prosa machadiana, tal como Namorato propõe na sua leitura das posições políticas opostas dos gêmeos (Pedro o monárquico e Paulo o republicano) em *Esau e Jacó*, ilustra a forma como o escritor projeta a sua compreensão do discurso político, ao nível pessoal e nacional. Este estudo mostra como os comentários metaficcionalis sobre o processo da escrita podem ser comparados com discursos históricos e políticos. O papel importante do narrador, por um processo que Luciana Namorato denomina “mascaramento narrativo”, consiste em abertamente esconder alguns aspetos daquilo que se observa, ao mesmo tempo que são sublinhados outros aspetos. São estas ambiguidades e inconsistências da narrativa que, no romance *Esau e Jacó* (e na obra de Machado em geral), permitem satirizar a natureza superficial das transformações que acontecem no seio de um partido ou regime político. Os três ensaios seguintes, de Maria do Rosário Cunha, de Ana Teresa Peixinho e de Estela Vieira, focalizam a figuração de personagens na obra de Eça de Queirós. No ensaio, “Para uma poética da personagem queirosiana”, Maria do Rosário Cunha analisa o processo da escrita de Eça de Queirós a partir de indicações do próprio escritor em cartas pessoais a amigos

íntimos, bem como a relação metonímica que Eça propôs entre a sua ficção e a realidade, ao ambicionar “pintar” a sociedade da época. Cunha reitera a relação que Eça de Queirós tinha com a personagem e os desafios que o próprio autor via na sua criação. A partir destas considerações preliminares, a análise centra-se na representação de uma das personagens queirosianas mais complexas, Luísa, protagonista d’*O primo Basílio*. Através de uma leitura da previsibilidade do caso de adultério, do episódio das cartas roubadas e do desfecho que precipitam, Maria do Rosário Cunha discute de que maneira Luísa – a burguesinha da Baixa, como diria Eça – é uma personagem-tipo e compara Luísa com outras heroínas do romance realista (a sua fraqueza, insegurança, vulnerabilidade, etc.), bem como os temas que perduram através de todas elas. Este estudo também enfatiza o papel do narrador atento à criação da personagem, conhecendo os pensamentos mais íntimos, a proeminência de Luísa nas cenas descritas e a sua materialidade através do corpo e dos seus comportamentos. A investigadora explica como Luísa foi vista por Machado de Assis, que focalizou principalmente a sua falta de dimensão moral. Maria do Rosário Cunha conclui, pondo em relevo a dimensão social de Luísa e defendendo que esta dimensão da personagem fica muito aquém da sua dimensão psicológica, que é a essência humana da protagonista. A seguir, no ensaio “A dimensão ficcional das figuras históricas em textos de imprensa queirosianos: O caso de *Cartas de Londres*”, Ana Teresa Peixinho estuda o conceito e a representação de personagens na obra jornalística de Eça de Queirós, dando uma atenção particular às suas crónicas no jornal *A Atualidade*, mais tarde publicadas em volume intitulado *Cartas de Londres*. Peixinho elabora a noção da “dupla figuração”, pela qual Eça se serve de ecléticos textos da imprensa inglesa para escrever as suas sátiras da sociedade inglesa, construindo retratos, às vezes de figuras anónimas, outras vezes de figuras políticas, históricas e famosas, com humor e frequentemente

excentricidade, para desmistificar a imagem de uma Inglaterra “snob” para os seus leitores portugueses. Este ensaio, em diálogo com o de Maria do Rosário Cunha, ilustra como estas figuras se distinguem das figuras ficcionais do universo queirosiano, sendo apoiadas pelo discurso da imprensa. No ensaio a seguir, “The Art of Stealing: Eça de Queirós and Kleptomania”, Estela Vieira analisa a personagem Luísa, do conto “Singularidades de uma rapariga loura”, e foca a sua cleptomania para discutir como o género é capaz de desafiar não apenas o imperativo realista mas também o sistema comercial de câmbio, central na estrutura da história narrada. Vieira examina como Eça complica os limites entre narrador, autor, narratário e personagem, e interessa-se pela estrutura da narrativa e pelos pormenores do vestuário dos protagonistas para levar a cabo uma leitura cuidadosa da materialidade do conto. A temática do roubo também tem uma dimensão metafictional que Vieira explora ao considerar este conto uma cooptação no mundo queirosiano: uma história realista que adota uma trama romântica, ao dialogar com um conto similar de Honoré de Balzac, e ilustrando aspetos da escrita queirosiana indicados no ensaio de Marta de Senna acima referido.

O último grupo de quatro ensaios foca abordagens teóricas e temáticas que privilegiam a *performance* e a corporalidade de personagens narrativas. Os primeiros dois ensaios, por Marília Librandi-Rocha e Eliane Robert Moraes, indagam a obra de Machado de Assis. No ensaio “Machado de Assis e o eco fonográfico”, Marília Librandi-Rocha propõe uma nova abordagem ao romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, ao analisar a relação que a narrativa estabelece entre a morte, a escrita e a escuta. A partir das teorias de Flora Sussekind e Friedrich Kittler, entre outras, Librandi-Rocha analisa a maneira como o texto machadiano constitui uma *performance* das expectativas da nova tecnologia da década de 1880, principalmente a do fonógrafo, e sugere uma leitura de *Memórias póstumas* como “romance-fonó-

grafo”. No ensaio seguinte, “O decoro de uma prostituta”, Eliane Robert Moraes apresenta uma leitura do conto enigmático machadiano “Singular ocorrência” centrada na *performance* da personagem da prostituta e na lógica teatral da narrativa. A pesquisadora começa por comparar o conto com a estética dos melodramas da época e com a visão ambígua de Machado de Assis, ao privilegiar a perspectiva masculina do protagonista, deixando a da personagem feminina ambígua e oblíqua. No texto de Machado, tal como este estudo explicita, a prostituta não ostenta ares artificiais, mas antes uma “discreta teatralidade”, nas palavras do próprio narrador. Os últimos dois ensaios desta secção e do volume incidem sobre a obra de Eça de Queirós. O primeiro estudo, “O corpo das personagens queirosianas: Dois enunciadores desmancha-prazeres, entre Deus e o Diabo”, por Ana Luísa Vilela, centra-se no processo pelo qual é sugerida a espessura carnal das personagens e a forma como a representação física é relacionada com as funções enunciativas diegéticas de certas personagens. Vilela aborda esta *performance* corporal através do conceito de bathmologia para explicar a estratificação do enunciado, o que permite analisar as personagens Castro Gomes e Guimarães n’*Os Maias*. Este estudo mostra como os informantes romanescos constituem uma forma de mediação e de ocultação, e como os seus corpos representam um tecido de signos, de estigmas, de sintomas e de inscrições, que os tornam veículos de informação narrativa. No último ensaio, “Incongruous Eça: Notes on Camp and the Literary Performance of the Masquerade”, Kathryn Bishop-Sanchez procede a uma leitura da estética queirosiana guiada pelo processo dialético do *camp* que se apoia num entendimento duplo (teatralização do narrador ou das personagens, sentidos secundários escondidos, estilos ou tons extravagantes, expressões excessivas, etc.). Bishop-Sanchez mostra como na obra de Eça a estratégia do *camp* estabelece novos espaços para a *performance* do excesso e do exagero, além de

ser uma maneira de representar sensibilidades diferentes, através de jogos de ambiguidade que permitem esconder e celebrar identidades marginalizadas.

Na conclusão do volume inclui-se uma nota de Earl Fitz intitulada “Eça, Machado, and World Literature”, que discorre sobre a situação destes grandes autores no cenário literário mundial, tendo em vista o conceito de *Weltliteratur* de Goethe e a posição de escritores luso-brasileiros em geral, face aos desafios de participarem nesta literatura à escala mundial.

Kathryn Bishop-Sanchez

Luciana Namorato

Estela Vieira